

Brasília se prepara para a tem

Alexandre Marino

Vem aí a temporada das chuvas. E com elas, as inundações, os desabamentos e mais acidentes de trânsito.

A população de Brasília não se previne para enfrentar as águas, assim como tende a encarar a seca como um fenômeno fora do comum.

“Os períodos bem definidos de seca e chuvas são fenômenos característicos da região”, alerta o coordenador da Defesa Civil, Adverse Baby.

Negligência - “Como a população é formada por pessoas de todos os pontos do País, isso costuma ser esquecido”, diz ele.

Baby prevê que as vistorias em blocos de apartamentos, prédios comerciais, residências e outros edifícios, de um modo geral, não terão sido feitas antes do início das chuvas, ignorando orientada Defesa Civil.

Coberturas, calhas, esgotos, rede de captação de águas pluviais, reservatórios devem passar por manutenção e limpeza. Essa recomendação faz parte de uma cartilha distribuída pela Defesa Civil.

Pára-raios - As descargas elétricas, ou quedas de raios, são outro fenômeno comum em Brasília e de mais regiões próximas ao Equador,

durante o período chuvoso, especialmente no seu início.

São causadas pelo movimento do ar na atmosfera, que carrega nuvens de regiões frias para regiões quentes e vice-versa.

O engenheiro eletricista Marco Alfredo Di Lascio, professor da UnB, adverte para os perigos oferecidos pelos os pára-raios radiativos, muito comuns em Brasília.

Riscos - “Além de não cumprir a função de proteger contra as descargas, eles representam um alto risco para a saúde”, diz.

Esse tipo de pára-raio libera na atmosfera o material radioativo Amerício 241, de grande poder cancerígeno.

A instalação desse equipamento, identificado por uma coroa de metal no alto da haste, foi proibida pela Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) em abril de 1989. Mas a cidade continua cheia deles.

Trânsito - Se não costuma prestar atenção nos pára-raios, o brasiliense conhece bem os riscos do trânsito: mas todos os anos a cena se repete: no início das chuvas, o número de acidentes se multiplica. O chefe do Serviço de Comunicação Social da Polícia Militar, tenente-coronel Alfeu Oscar Barcellos Domingues,

informa que 45% das ocorrências re-

gistradas no período de estiagem são acidentes de trânsito - atropelamentos e colisões.

Esse percentual, segundo ele, é duplicado nos primeiros 15 dias de chuva. A causa, na maioria dos casos, é a falta de hábito de dirigir em pistas molhadas e a falta de manutenção dos carros.

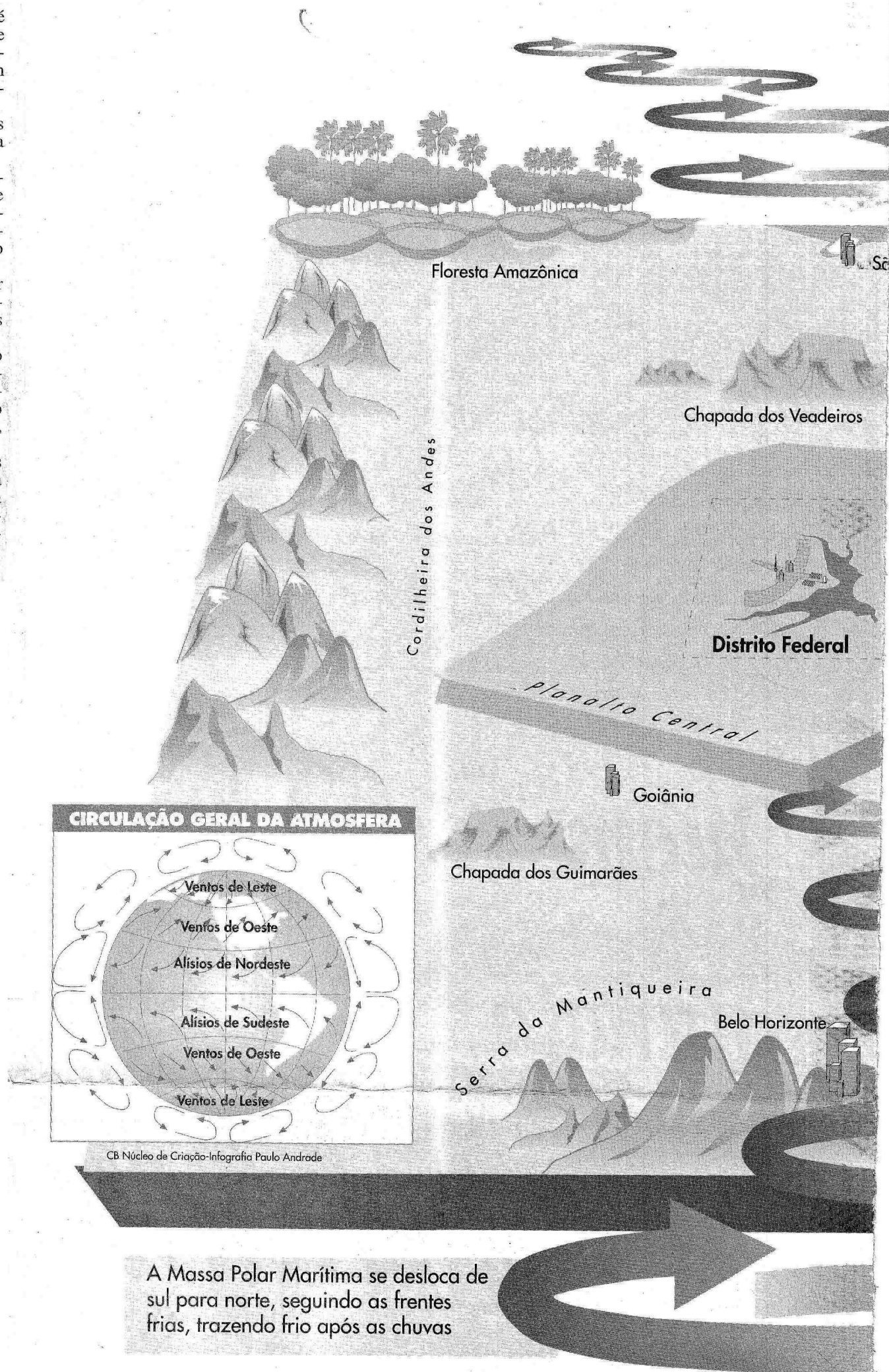
“Além da desobediência às leis de trânsito”, acrescenta o oficial da PM.

Asfalto - O diretor-geral do Detran, Dilson de Almeida, lembra que nos meses de seca forma-se uma camada de poeira e óleo sobre o asfalto, que se torna escorregadia quando chove.

O Detran prepara-se para lançar uma campanha de alerta aos motoristas sobre os perigos das primeiras chuvas.

Mas os incômodos causados pelo final do período da seca, intensificada pelo calor, também causa acidentes, segundo avaliação do chefe do Pronto Socorro do Hospital de Base, Celso Antônio Rodrigues da Silva.

Sonolência - Com base apenas em observações, ele acredita que a seca, em sua fase mais aguda, causa sonolência e irritabilidade nos motoristas, levando-os a abusar da velocidade e a cometer delitos de trânsito.



A Massa Polar Marítima se desloca de sul para norte, seguindo as frentes frias, trazendo frio após as chuvas

Tempestade de chuvas e inundações

A Massa Equatorial Continental, que no inverno se afastou para o Hemisfério Norte atraída pelo calor, retorna trazendo umidade

João Luís

OCEANO

A Massa Tropical Marítima começa a se afastar do continente em direção ao Atlântico, abrindo espaço para a formação de nuvens na região seca

Salvador

Serra do Mar

ATLÂNTICO

As frentes frias encontram espaço para avançar sobre o Planalto Central, trazendo nuvens e instabilidade